

FIZERAM O IMPOSSÍVEL
PARA SALVAR A IGREJA

Crônicas do Socorro IV



Ficha técnica

Regimento de Sapadores Bombeiros

Título **Crónicas do Socorro IV**

Coleção **Crónicas do Socorro**

Coordenação **Carla Boto Pereira, Miguel Gil**

Textos **Paula Serafim**

Revisão **Ana Loureiro**

Design **Isilda Marcelino**

Tiragem **200 exemplares**

Depósito Legal **492623/21**

Edição **Lisboa, 2021**

Foto de capa: Primeira página da revista *Século Ilustrado* n.º 1129, de 22 de agosto 1959

A coleção *Crónicas do Socorro* pretende dar a conhecer a importância dos Bombeiros e do Serviço de Incêndio de Lisboa, através de episódios significativos da sua História.



Crônicas do Socorro

IV

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
RECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

CLARO E IMPRESSÃO
44 e 48 — LISBOA

PROPRIETARIO DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA RUSA, 37, 2.

EDITOR — J. CHRISTÓFANO DE A.
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO



O aspecto desolador do templo, de que só restam as paredes

O grande incêndio que destruiu a igreja de S. Domingos pode ter sido originado por uma falha saída de alguma chaminé próxima

Lisboa viveu até o romper do dia 14 de agosto de 1959, a uma situação provocada pela incêndio que destruiu um dos mais belos templos da capital.

A cidade passou a noite arrastando sob o tremendo peso do calor, logo de manhã, grande multidão foi para a aglomeração no Largo de São Domingos, onde se ruínas da igreja são o documento vivo e desolador do trágico sinistro, que tem tornarse a outros de que se guardam dolorosas recordações, como os incêndios da Madalena, dos Bernardino Peralta, dos velhos teatros do Rato e do Gaiato, e mais recentemente da igreja de São Mateus.

Os momentos de angústia silenciosa

ETA

Mila do Conde Alves Barbosa

Entrevista a Carlos Carvalho e a Aires Barroso
eram 7 horas e 5 minutos quando

se a cidade inteira ao sair da noite de calor, a hora em que os habitantes recolhem aos lares para o jantar, aquelas que encamparam ainda as ruas da Ilha, correndo para os eléctricos e os autocarros, os acalmando as escolas, não mediram logo a importância do caso.

[Continua na página central]

VIDA ECONÓMICA

A Espanha regressa à Europa

O ingresso da Espanha na Organização Europeia de Cooperação Económica, em toda a latitude das prerrogativas e responsabilidades de país membro, constitui acontecimento que sob muitos aspectos interessa ao nosso País. Estrada no caminho da libertação das interferências, que é hoje a grande preocupação da Organização em face das ameaças que lhe carrega com o destino da Europa económica e financeira; ajudando a combater a inflação; colaborando estreitamente com países que se encontram em situações económicas muito mais desfavoráveis.

Visado nela

que não ode em muitos casos — desde diversos desde já — indistintamente tranquilizadores para as nossas actividades industriais e agrícolas.

Importa analisar previamente, porém, as características da construção do comércio exterior espanhol, a que se enfrenta no O. C. E. as nossas poderosas; levantando, os desânimos de tentar, a hipótese de sua adesão ao Mercado Comum — o país vizinho vai implicitamente colocar em maior medida a sua coesistência com o mercado português. Oportunidades serão aproveitadas as possibilidades de novas ordens postas ao necessitar de relações económicas com um país muito desenvolvido.

Esquerda: O grande incêndio que destruiu a igreja de São Domingos in Diário de Lisboa, 14 de agosto 1959, Ano 39.º N.º 13 176, p.1.
Direita: Relicário de Santa Bárbara resgatado do incêndio



*O Incêndio
na Igreja
de São Domingos*

Construída no século XIII por ordem do rei D. Sancho II, a igreja de São Domingos sofreu várias alterações ao longo dos séculos, reconstruções, algumas profundas, ocorridas após os terramotos de 1531 e 1755.

Nesta igreja dominicana foram realizadas cerimónias importantes como casamentos e batizados reais, exéquias





nacionais, procissões, tendo servido ainda como local de voto nas eleições legislativas em abril de 1908.

A importância religiosa da igreja de São Domingos deve-se não só aos factos históricos que aqui tiveram lugar como também à sua localização privilegiada, no centro da cidade. As palavras do cônego José Correia de Sá, pároco da freguesia dos Restauradores, à data do incêndio ocorrido em 1959, são testemunho desta importância: *as “portas abertas permanentemente e sempre com sacerdotes prontos a atenderem os fiéis que a todos os momentos os procuram (...) perto de quatro centenas de*

7
RLB

Procissão de Nossa Senhora da Saúde entrando na igreja de São Domingos. 1909.

Arquivo Municipal de Lisboa.

PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FRA/I00054



fiéis aqui comungavam diariamente e nunca menos de trezentos assistiam á Missa vespertina (...) era de sete mil, aproximadamente, o número dos que vinham aqui cumprir o preceito dominical. Nunca a igreja esteve vazia.”

Este lugar de culto foi alvo de grandes obras que, por opção, foram deixadas visíveis as marcas do trágico incêndio combatido pelos Bombeiros Sapadores de Lisboa.





Custódia da Igreja de São Domingos.

Arquivo Municipal de Lisboa.

PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/BAR/001024

“Fogo na casa de Deus”

Século Ilustrado n.º 1129, de 22 de agosto 1959

A chamada de socorro para a Central Telefónica do Comando do Batalhão de Sapadores Bombeiros, às 20h40, do dia 13 de agosto de 1959, informando que havia fogo na igreja de São Domingos, era o prenúncio de uma das maiores catástrofes na capital.

Por volta das 20h44, chega ao local do incêndio o primeiro carro de bombeiros transportando o subchefe Franch que depressa se apercebe como o fogo progredia com violência na cobertura da igreja, reclamando de imediato duas viaturas de pronto socorro e um autoescada Magirus. Dez minutos depois, o mesmo Subchefe pede reforço dizendo *“mandem avançar para o local todos os auto-escadas Magirus disponíveis”*.

Às 20h55, chega ao local o Comandante do Batalhão, Coronel Luís Ribeiro Viana, que assume o comando das operações e comunica para



a Central *“mandem avançar para o local todos os auto-pronto socorro e todos os auto-escadas Magirus disponíveis”*.

Às 21h, devido ao rápido desenvolvimento do incêndio, o Comandante decide dar *“conhecimento do fogo aos Snrs. Presidente e Vice-presidente e Director dos Serviços Técnicos Especiais”*, prevendo uma catástrofe.

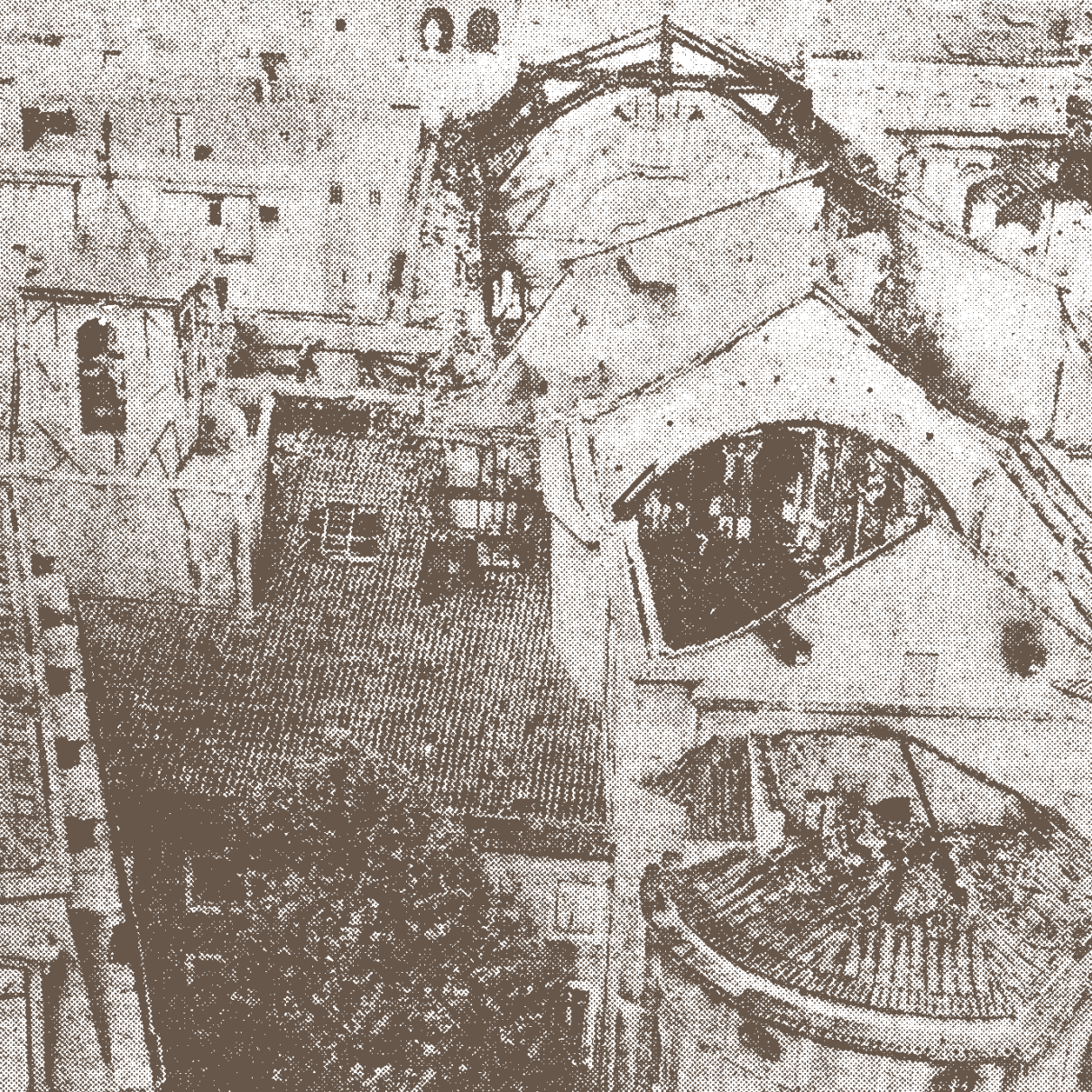
E às 21h10, de novo o Comandante comunica à Central que *“estão a trabalho todos os APS (Auto-pronto-socorro) e AAEM (Autoescada Mecânica), a cobertura está toda tomada e praticamente a Igreja está toda a arder”*. Perante tal cenário, o Comandante dá ordem que sejam chamadas todas as viaturas disponíveis dos bombeiros voluntários da capital.

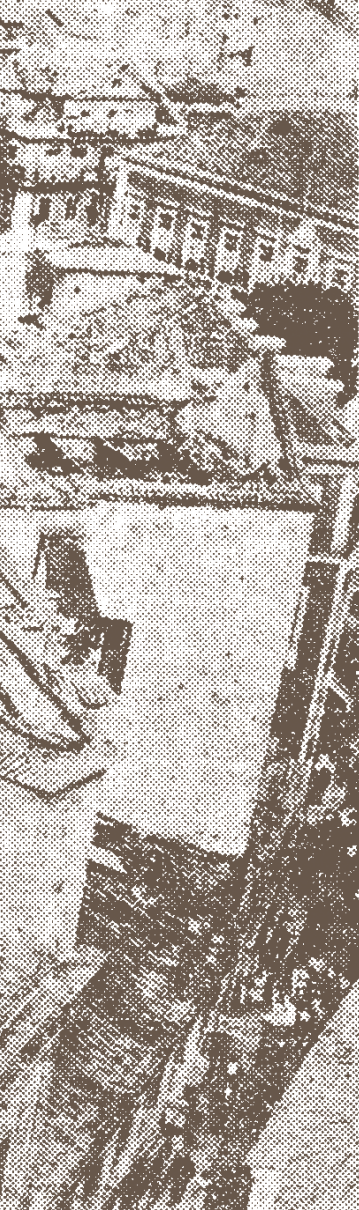


Os Sapadores Bombeiros junto com os bombeiros voluntários são distribuídos pelo largo de São Domingos e ruas circundantes de forma a atacarem o fogo diretamente e a defenderem os prédios contíguos à igreja.

Por volta das 22h25 o fogo é dado como circunscrito e cinco minutos depois, considerado dominado. Às 22h44 o fogo é declarado extinto, é então iniciado o rescaldo, uma das fases mais exaustivas do sinistro dirigido pelos chefes de 2ª classe, César e Ventura e pelo subchefe Rascão.

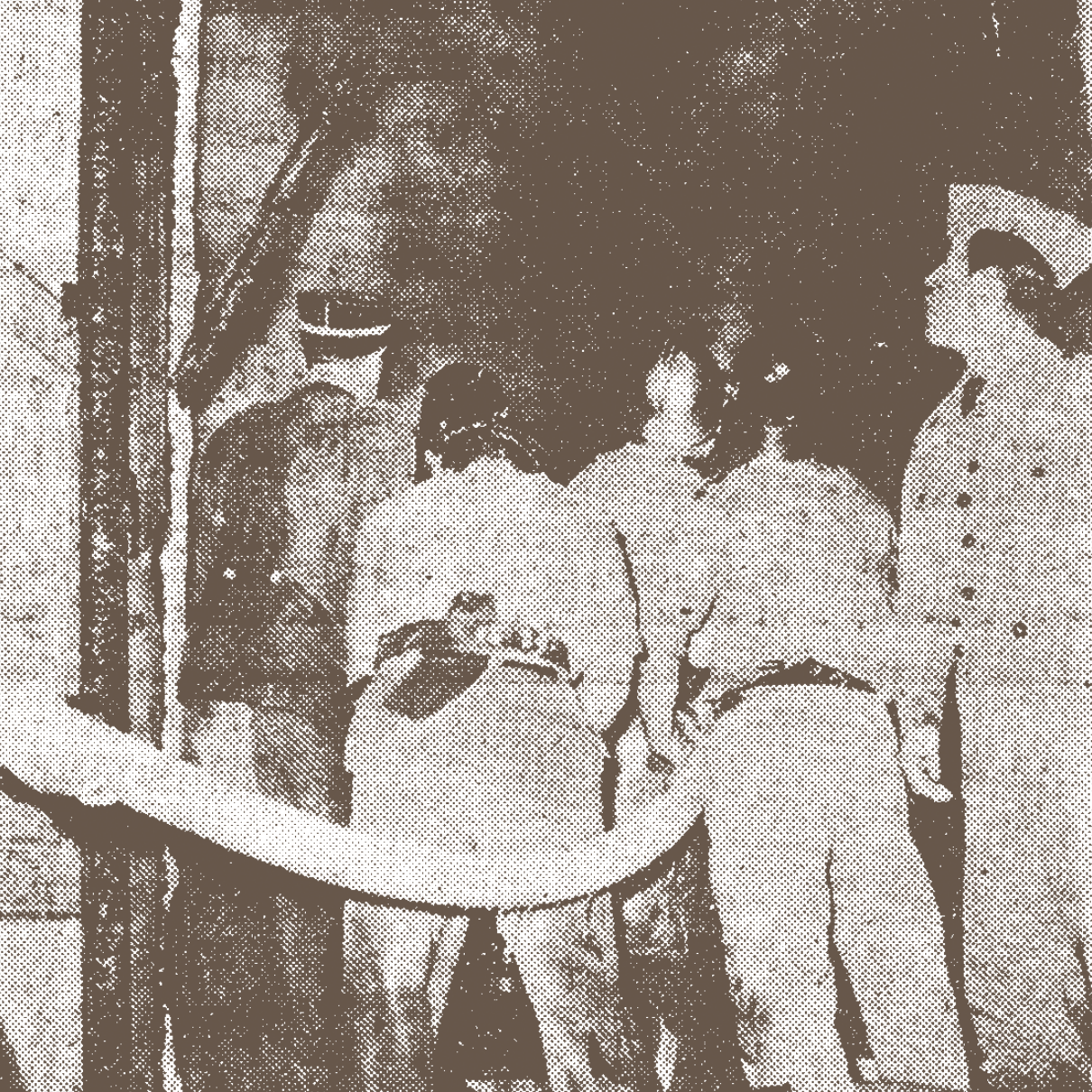
Em poucas horas todo o interior da igreja fora consumido pelas chamas. Altares, decorações, mobiliário, imagens litúrgicas valiosas foram devoradas pelo fogo, ficando apenas as paredes em pedra e a fachada, que pouco sofreram apesar do desabamento de toda a estrutura do telhado.





Na primeira avaliação a origem do fogo foi considerada indeterminada, com início no *“topo poente da cobertura, junto á empena que constitui a fachada principal, sobre o coro”*, cujas razões justificativas para a velocidade da propagação das chamas e do desmoronamento da cobertura, registadas no relatório do sinistro, apontam para *“a abertura da porta principal da igreja, que deve dar-se entre as 20h43 e as 20h44, e a abertura desta porta que fazendo uma chamada de ar brusca, provoca, de forma imprevisível, a explosão das poeiras do fôrro, que tem como consequências desastrosas a generalização instantânea do fogo e a desagregação da estrutura do telhado.”*

A estrutura do telhado da igreja de São Domingos abateu por completo in Diário de Lisboa. 14 de agosto 1959, p.8, 2.^a edição.



A onda provocada pela explosão das poeiras do forro, após a abertura da porta principal, rasou a parte inferior da varanda do coro atingindo mortalmente dois bombeiros sapadores no preciso momento da sua retirada. A parte central da igreja é atingida desagregando os apoios das asnas que, muito danificadas pelo fogo, vêm a desmoronar-se uma a uma até à queda da última que se deu por volta das 22h, provocando o desabamento do coro e respetiva balaustrada.

Na condução dos trabalhos, o Comandante Luís Ribeiro Viana, atento à direção do vento que soprava forte, ordena a circulação de todos os autotanques disponíveis pela rua da Palma e entrada pela travessa lateral da igreja, preocupado sobretudo em proteger os prédios circundantes o que é evidente nas suas palavras: *“tendo entrado na igreja e visto o forro totalmente pasto de chamas, compreendi que nada se poderia fazer a não ser a limitação do incêndio ao edifício do templo.”* Nesse momento havia já alguns focos de incêndio nas fachadas dos prédios do lado sul.

O incêndio

(Continuação da página central)

O cerco à igreja estava montado com o poder extintor de 113 agulhetas, distribuídas por 11 100 metros de mangueiras, "*número por certo nunca atingido num ataque a incêndio em Lisboa*", para impedir a propagação do fogo. Durante horas, homens no cimo das autoescadas mecânicas atacavam as chamas numa "*custosa posição de equilíbrio*". Outros, no chão, tentavam a todo o custo suportar o calor no combate ao fogo.

De algumas centenas de operacionais, dez bombeiros ficaram feridos e foram transportados ao hospital de São José, acabando por chegar dois Bombeiros Sapadores já sem vida, Francisco da Silva Gomes e João Francisco.

O último adeus da viúva do bombeiro João Francisco in Diário de Lisboa. 15 de agosto 1959, p.11.

pelo interior, penetrámos nas dependências da residência paroquial, onde as duas criadas que ali fazem serviço permanente nos informaram serem bastantes os padres, seminaristas e fiéis que ali se deslocam para manifestar a sua solidariedade e observar as terribes consequências do sinistro, mesmo naquele sector. Parte do átrio e os quartos das próprias criadas, foram atingidos pelas chamas. Outra escada de pedra conduz aos sinos, que se quedam tristemente mudos desde à hora do flagelo. O homem que habitualmente os toca não aparece desde essa altura e nem o sacristão e as serventes, os unicos que ali vivem, tiveram coragem para o fazer, segundo nos afirmaram.

O Santíssimo está na capela da Senhora da Saúde

Foi, também, o sacristão de S. Domingos, sr. José Pereira Jacinto, que encontrámos na Rua da Mouraria, que nos informou estar o Santíssimo Sacramento depositado na capela da Senhora da Saúde. Foi, de resto, o Santíssimo o unico valor salvo entre o recheio do grande templo, pois o tesouro, que também não foi atingido, conforme já esclarecemos, estava encerrado na casa-forte, instalada debaixo do altar-mor.

No momento em que falávamos com o sacristão, uma mulher, modestamente vestida, aproximou-se dele e disse-lhe, contristada:

— Então, já não posso ir lá pôr umas flores?...

Ao que o sr. Pereira Jacinto respondeu:

— Veja se consegue... Não, não é possível. Foi uma tragédia. Tudo

Carpinteiro morto

por um automóvel
perto de Ilhavo

ILHAVO, 15 (Pelo telefone) — Hoje, meia hora depois da meia noite, regressava da praia da Costa Nova, no seu automóvel, com destino à Palhaça, o sr. António Caetano Gil, solteiro, de 30 anos, em-

irreco-
ção de
cerim-
igreja.

Am-
olhos
despeç-

O r

Emb-
das m-
párcos
go Co-
deixou

missa.
Fê-lo-
tiva er-
de No-
Rua d-
grande
tualme-
que as

O ca-

as

O sr-
no per-
a Sé,
religio-
do seu-
te, o
incênd-

O

(Cont-

irrepar-
nistro,

O mi-

à n

Nun-
Batalh-
na Av-
foram
depois
dos do
soldada-
que co-
Franci-
depois,
cadas
Ramos
brou r-
parede-
des pa-



da igreja de S. Domingos

Vida religiosa

O cardeal-patriarca celebrou missa na Sé

Por motivo da solenidade da Assunção da Santíssima Virgem, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa celebrou hoje missa de pontifical na Sé Patriarcal de Lisboa, tendo durante a missa conferido ordens sacras e menores a alunos dos seminários de Cristo-Rei, Olivais e dos Franciscanos, dos quais foram submetidos 18 à Sagrada Ordem de Presbítero.

Terminada a cerimónia na Sé, o sr. D. Manuel Gonçalves, abandonou o templo e seguiu para o Patriarcado. Depois de um curto espaço de tempo, o sr. cardeal-patriarca, dirigiu-se para o Seminário Maior dos Olivais, onde almoçou com os ordenados, regressando ao fim da tarde ao paço do Campo de Santana.

Missa em Vila Viçosa

VILA VIÇOSA, 15 — (Pelo telefone) — Comemorando o dia da Assunção de Nossa Senhora, o conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança, a que preside o dr. António Luis Gomes, mandou celebrar hoje, no Paço Ducal desta vila, uma missa solene. A cerimónia — que começou ao meio-dia e foi presidida pelo sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Évora — assistiram as mais categorizadas entidades locais e vindas de Évora e de Lisboa, tendo pronunciado a homilia monsenhor Avelino Gonçalves, director do diário «Novidades».

Posse do novo reitor do santuário de Fátima

FATIMA, 15 — Numa sala do santuário, o sr. bispo de Leiria, D. João Pereira Venancio, deu ontem posse ao novo reitor daquele templo, mons. dr. António Borges. Assistiram ao acto o pessoal dirigente do santuário e peregrinos.

NECROLOGIA

Comendador António Louçã de Moraes Carvalho

RIO DE JANEIRO, 15 — Falleceu em Santa Theresa, com 74 anos, o comendador António Louçã de Moraes Carvalho, comerciante e grande benemérito.

Nascido em Portugal, veio para o Brasil com 12 anos. Foi provedor jubilado da Irmandade da Candelária e mandou construir a mesma.

hecfvel. Hoje, dia da Assunção de Nossa Senhora, haveria uma missa tão solene na nossa...

O cardeal-patriarca celebrou hoje missa na igreja da Vitória

...ora sem a sua igreja, uma das mais concorridas de Lisboa, o sr. cardeal-patriarca de São Domingos, sr. cônego Correia de Sá (Asseca), não pôde celebrar hoje a sua...

...em ambiente de significação, esta manhã, na igreja de Nossa Senhora da Vitória, na qual se deslucou um número de fiéis que habitualmente ouviam missa no templo e chamam consumiram.

O cardeal-patriarca observou as ruínas de S. Domingos

...o cardeal-patriarca de Lisboa, em um percurso entre o Patriarcado e a igreja de São Domingos, onde presidiu às cerimónias da Assunção, observou, em um automóvel, na Rua D. Duarte, os resultados da destruição do templo de anteontem.



O último adeus da viúva do bombeiro João Francisco

funeral dos bombeiros

(continuação da página central)

...aveis provocadas pelo s...

o ministro do Interior assistiu a missa de corpo presente

...das garagens da sede do Corpo de Sapadores Bombeiros, presidida por D. Carlos I, para onde foram transferidos ontem, à noite, os corpos de autopsiados, os corpos dos malogrados sapadores, foi a cerca das 10 horas, a urna continha os restos mortais de João Francisco da Silva Gomes. Pouco depois, junto das duas urnas, colocado a lado, o rev. Adelino Ramos, da igreja de S. José, celebrou missa de corpo presente. Das garagens pendiam grandes bandeiras, bordados e flores. No momento da missa, o ministro do Interior assistiu a missa de corpo presente.

todas as corporações de bombeiros voluntários de Lisboa.

O rev. Adelino Ramos pronunciou uma breve homilia em que recordou ser hoje o dia da glorificação da Virgem, que, segundo a tradição agora tornada verdade dogmática, teria subido ao céu em corpo e espírito. Após uma referência à forma desenvolvida como a Imprensa relatou a tragédia, o celebrante terminou por pedir que a coroa da glória seja o preço dos sofrimentos dos dois malogrados sapadores, que talvez, disse, Deus chame imediatamente ao eterno descanso do céu.

A marcha de continência à chegada ao Cemitério dos Prazeres

Terminada a missa de corpo presente, organizou-se o cortejo fune-

coênego Correia de Sá (Asseca), pároco da destruída igreja de S. Domingos. Na capela, o rev. Carlos Alberto Ribeiro, adjunto da paróquia da Penha de França, rezou as orações de encomendação. Lentamente, o cortejo dirigiu-se, depois, para o talhão dos bombeiros. O rev. Carlos Ribeiro rezou as últimas orações. A guarda de honra, constituída pela Companhia de Itêrcrutas do B. S. B., prestou continência. A urna começou a descer para a terra. O pesado silêncio que envolvia as muitas centenas de pessoas que acompanharam até a sua última morada o heróico sapedor bombeiro João Francisco era só perturbado pelo pranto e pelos gritos de sua infeliz viúva, a sr. D. Amélia Frade Real, e de outras pessoas de família. Depois, veio o ruído tristíssimo, cavo, da terra a cair sobre a urna. Tudo estava ter-





Entrega de envelope pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa às viúvas dos bombeiros falecidos. Agosto de 1959. Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/003405

Embora a situação tivesse sido de grande intensidade e dimensão, com alguma surpresa, as viaturas não registaram quaisquer avarias à exceção de algumas mangueiras queimadas bem como alguns fardamentos inutilizados.

Até às 3h15 da madrugada, em plena fase de rescaldo, foram surgindo pequenos focos de incêndio, rapidamente extintos pelo pessoal de prevenção, que permaneceu no local com 32 viaturas até ao nascer do dia.

O esforço extraordinário destes homens e de todos os seus colegas evidenciava a abnegação e o altruísmo e, embora exaustos, *“demonstravam que Lisboa podia confiar nos seus bombeiros”*.

24

Também os voluntários *“dentro das suas possibilidades deram uma boa e activa colaboração nos trabalhos”* de forma a que o fogo não se alastrasse descontrolado. Quer o cabo n.º 423, José Francisco, quer o cabo n.º 578, Francisco da Silva Gomes, ambos perderam a vida em sacrifício da proteção de pessoas e bens e *“passaram á História da Unidade, mortos como soldados no campo da honra”*, alvo de merecidas distinções e promoção póstuma a cabos de 2ª classe.

À volta deste cenário de destruição uma multidão acorreu em auxílio, de tal maneira que a polícia não teve capacidade de os conter, o que atrapalhou e prejudicou as manobras

de socorro. Qualquer movimentação dos bombeiros era intercetada pela ajuda de iniciativa popular, *“o simples desenrolar de um lanço de mangueira que no preceito exige dois homens, é levado a efeito por dezenas de elementos ignorantes da manobra, atabalhoadamente, puxando cada um para seu lado, sem nada resolver.”*

A ajuda dos populares, dos marinheiros, dos escuteiros e dos soldados, em todo aquele trabalho, mereceu grande destaque pela imprensa, mas não pela melhor forma pois essas pessoas estranhas à ação dos bombeiros *“é difícil de dizer, mas a comparticipação de civis ou outros só prejudica o bom andamento dos trabalhos (...) e a presença desses elementos dificultou, por forma grave, a ligação com o pessoal do Batalhão que se encontrava no interior do templo.”*

Ao apontar para a gravidade da presença de pessoas estranhas nas operações de socorro, o Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Coronel Luís Ribeiro Viana, chama a atenção para *“a celeridade do serviço feito por pessoal do Batalhão, segundo as normas da ordenança, em contraste com a demora e confusão que a intervenção dos elementos populares produz.”* Alude ainda a um outro problema grave, *“a entrada de populares nos locais de fogo permite a pratica do roubo que é corrente nessas ocasiões”* e para o qual é





Bombeiros Sapadores recebem louvor do Presidente da CM de Lisboa, na parada do do Quartel Dom Carlos I, 29 de agosto 1959.

Arquivo Municipal de Lisboa.

PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/003451

preciso *“dar consciência às forças de policia para actuarem com energia na repressão de tal prática”*, em que muitas vezes são os próprios bombeiros a evitar que os objetos sejam roubados.

Em 11 de setembro, o Comandante do Batalhão, num relatório mais preciso, registava que a origem do fogo tinha sido na chaminé de um restaurante na rua Barros Queirós, encastrada na parede da fachada da igreja, do lado norte e que teria sido provocado *“pela irradiação do calor dessa chaminé, dando-se uma carbonização lenta do frechal e das asnas mais próximas e o vento norte, que soprava com violência no inicio do fogo, conduziu-o para o canto oposto onde se desenvolveu com maior violência.”*

Cerca de vinte e quatro horas após o violento incêndio, o Presidente da Câmara, Brigadeiro António França Borges, acompanhado pelos seus vice-presidentes e outras individualidades, quiseram mostrar o seu apreço e admiração pelos valentes soldados da paz, visitando o quartel da corporação na avenida D. Carlos I a fim dos homenagear começando por proferir as seguintes palavras: *“olhando o vosso Batalhão eu tenho ocasião de ver ainda caras magoadas, rostos vincados, gente ferida e isso na sua simplicidade, mostra o que é este Batalhão de Sapadores Bombeiros.*



Presidente presta pública homenagem ao Batalhão de Bombeiros Sapadores pela atuação no incêndio. Agosto 1959. Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/003450

Venho aqui, em nome da Câmara e da Cidade, trazer a este Batalhão tão bem compenetrado do seu dever, tão bem formado moralmente o muito obrigado de Lisboa, pelo alto serviço que lhe prestou. Toda a cidade ficou suspensa da vossa acção (...) todo o vosso valor moral e técnico foi posto á prova.”

Ainda com os uniformes de serviço e a fadiga estampada no rosto, os bombeiros alinhados na parada, receberam os agradecimentos e, com gestos emotivos, o Presidente da Câmara continuou o discurso com as palavras de louvor que haveriam de ficar registadas para memória futura como sendo o *agradecimento da Cidade*:

“Louvo, independentemente da recepção de qualquer relatório e como consequência de observação pessoal, o Exm.º Comandante, os Srs. Adjunto Técnico, Chefes, Sub-chefes, Cabos e Sapadores Bombeiros do Batalhão de Sapadores Bombeiros, pela forma serena, competente, disciplinada, consciente e corajosa como se comportaram no ataque do grande incêndio que na noite de 13 do corrente destruiu a Igreja da S. Domingos, impedindo por uma actuação inteligente e decidida que custou a vida a dois dos seus bons sapadores bombeiros, que o incêndio alastrasse aos prédios contíguos. Tendo em atenção as características das construções locais e o traçado dos arruamentos num bairro



Interior da igreja de São Domingos .
© CML | DMCom Ana Luisa Alvim 2021.



antigo da cidade, campo fácil para a propagação do fogo, só a organização, a competência, a disciplina, a compenetração do cumprimento do dever e o espírito de sacrifício demonstrados permitiram que o sinistro se não transformasse em catástrofe, serviço inestimável que a cidade regista como uma dívida em aberto para com o seu heróico Batalhão Sapadores Bombeiros.

*Lisboa, 14 de Agosto de 1959
O Presidente, António Vitorino França Borges”*

Mais tarde, esta tão importante igreja foi alvo de grandes obras, reabrindo as portas ao público em 1994.

Os periódicos da época noticiaram “*não foi possível salvar São Domingos, que ficou desnudada, ruínas fumegantes por toda a parte em espectáculo desolador*”, mas hoje ainda com as marcas da tragédia nas paredes e colunas vermelhas, nos mármore rachados e no chão fendido, esta continua a ser local sagrado que transmite esperança e tranquilidade, e não nos deixa esquecer as marcas do memorável incêndio combatido pelos Bombeiros Sapadores de Lisboa.

Interior da igreja de São Domingos.
© CML | DMCom Ana Luísa Alvim 2021.



Fonte

Regimento de Sapadores Bombeiros, *Livro de Partes de Fogo e Serviços Diversos – Agosto*. Relatórios do incêndio em S. Domingos de 15 de agosto e 11 de setembro (1959).

Bibliografia

Sá, José Correia de (Cónego), A Igreja de S. Domingos *in* Olisipo - Boletim do Grupo Amigos de Lisboa. n.º 88, outubro de 1959.

1959, 14 de Agosto. *A Igreja de S. Domingos*. Diário de Notícias, p. 1.





Igreja de São Domingos,
com panorâmica sobre
o Castelo de São Jorge 19[--].
Arquivo Municipal de Lisboa.
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/
PAG/000473



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS
Av. D. Carlos I, 1249 – 071 Lisboa